

# Para 'NY Times', FHC foi 'o grande estabilizador'

Dida Sampaio/AE

*No balanço dos dois governos, jornal enfatiza os avanços obtidos 'em tempos muito difíceis'*

LARRY ROHTER  
New York Times

Assim que Fernando Henrique Cardoso deixar o governo, nesta quarta-feira, será a primeira vez, em mais de 40 anos, que um presidente eleito, civil, passa o poder a outro. Ele sai do posto do modo como o assumiu, há oito anos: no papel de estabilizador do Brasil.

Num país submetido a uma ditadura militar de 1964 a 1985, e frequentemente assolado por crises econômicas, isso representa muito. O esforço do atual presidente em fortalecer as instituições políticas culminou com uma eleição limpa, que resultou na vitória de um candidato de oposição, Luiz Inácio Lula da Silva, e o processo de transição mais suave já experimentado por qualquer país latino-americano.

"Este presidente mostrou sempre um respeito total por todas as normas democráticas, além de ter paciência e tolerância extraordinárias", diz um importante intelectual, Hélio Jaguaribe. "O resultado é a consolidação da democracia brasileira, que hoje é sólida e exemplar."

**'O melhor'** – Sociólogo com doutorado e mais de uma dúzia de livros editados, Fernando Henrique era visto, no início, como culto demais para suportar as rudezas da política brasileira. Uma pesquisa publicada este mês, porém, revela que os brasileiros o apontaram como o melhor presidente de sua história.

Apesar disso, o presidente, impedido por lei de concorrer a um terceiro mandato, não conseguiu eleger seu sucessor. A

frustração quanto à continuação das desigualdades sociais e a medíocre performance da economia deram a Luiz Inácio Lula da Silva, que perdeu duas vezes de Fernando Henrique, uma impressionante vitória.

Para avaliar as realizações de Fernando Henrique, basta aos brasileiros olhar as dificuldades de seus vizinhos. Enfrentando desafios semelhantes, ele conseguiu manter o Brasil longe do caos econômico em que naufragou a Argentina, evitou a intransigência política e a confrontação que paralisaram a Venezuela, ameaçando derrubar o presidente Hugo Chavez.

Outra conquista de Fernando Henrique foi domar a inflação, que durante décadas corroe o padrão de vida do País, funcionando como um imposto oculto, principalmente para os pobres. Desde 1995, a inflação total chegou a 70%, praticamente a mesma de um mês difícil do início dos anos 90, antes que o presidente lançasse a nova moeda e impusesse a disciplina fiscal.

**ENTRE SUAS  
QUALIDADES,  
TOLERÂNCIA  
E PACIÊNCIA**

"Ele não se limitou a criar uma nova política, enfrentou e mudou toda uma cultura, habituada à expectativa dos aumentos de preços", comentou o cientista social Cândido Mendes. "Hoje, os brasileiros podem poupar ou gastar o salário sabendo que os preços não vão mudar durante o mês. O impacto no planejamento financeiro, na qualidade de vida e no poder aquisitivo foi tremendo."

Wall Street também gostou de Fernando Henrique, especialmente por ele ter vendido as empresas públicas e aberto a economia à competição e aos investimentos externos. Além disso, ele modernizou a burocracia federal: bancos oficiais e agências de fomento, que funcionavam como agências do clientelismo, foram afastadas do con-



FHC: para o 'NY Times', processo de transição brasileiro foi o mais suave já visto na América Latina

trole político, com redução da corrupção e corte do custo dos serviços sociais pela metade.

**Crescimento** – Ao mesmo tempo, ele conseguiu manter a economia crescendo. As taxas de crescimento estão bem abaixo das do período militar, mas "a despeito de todos os problemas internacionais, o Brasil teve a maior taxa de crescimento desde que o poder voltou às mãos dos civis", lembra Albert Fishlow, o diretor do programa de Estudos Brasileiros da Universidade de Colúmbia.

Ao longo de seu governo, principalmente no segundo mandato, os brasileiros tenderam a criticar o presidente por não fazer mais para melhorar a distribuição de renda. Como lembrou aos eleitores de Lula, o Brasil continua sendo um dos países socialmente mais injustos do planeta, no qual menos

de 10% da população detêm metade de sua riqueza.

Em muitas outras áreas os dois governos de Fernando Henrique trouxeram avanços significativos, com benefícios aos mais pobres. Em outubro, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) o apontou como vencedor de um prêmio nessa área, enfatizando que seu governo "promoveu importantes progressos no Brasil", especialmente nas áreas de educação, saúde e reforma agrária.

Apesar das restrições no orçamento, o governo investiu pesado em educação. Matrículas no segundo grau aumentaram em mais de um terço e o número de crianças fora da escola despencou de cerca de 20%, uma década atrás, para 3%. Avanços semelhantes registraram-se nos índices de saúde. Ainda que as populações urbanas se queixem

de serviços médicos ruins, o governo fez das áreas rurais a sua prioridade, abrindo clínicas, treinando pessoal e tornando os remédios mais acessíveis e a preços mais baixos. O resultado foi uma redução de 25% nos índices da mortalidade infantil. Por fim, as mortes por aids tiveram uma queda de dois terços, graças às amplas campanhas preventivas e à distribuição gratuita de remédios.

O governo levou adiante, também, as reformas no campo. Desde 1995, cerca de 588 mil famílias de sem-terra foram assentadas – nas três décadas anteriores foram menos da metade. "Acho que a história verá Fernando Henrique Cardoso mais generosamente do que ele é visto hoje", afirma Fishlow. "O impressionante é que ele governou em tempos difíceis e, apesar disso, conseguiu resultados".